

PROPOSTA PARA UMA ABORDAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA DA AMAZÔNIA RONDONIENSE EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO)



Autores:
Luciano Ferreira de França
Lediane Fani Felzke

Luciano Ferreira de França
Lediane Fani Felzke



PROPOSTA PARA UMA ABORDAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA DA AMAZÔNIA RONDONIENSE EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA (IFRO)

Ecuador.
5 16 43

Porto Velho - RO
2025



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA
CAMPUS PORTO VELHO CALAMA**

DEPARTAMENTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE
NACIONAL – PROFEPT

Autores: Luciano Ferreira de França
Lediane Fani Felzke

Colaboradores: Maicon André Frozza
Douglas Leonardo Martins

Ano de Produção: 2025

Local: IFRO – Campus Calama / IFRO – Campus Ji-Paraná.

Diagramação:

Maicon André Frozza
Luciano Ferreira de França

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

França, Luciano Ferreira de
Proposta para uma abordagem do ensino de
geografia da Amazônia rondoniense em uma
perspectiva decolonial no Instituto Federal de
Rondônia (IFRO) [livro eletrônico] / Luciano
Ferreira de França, Lediane Fani Felzke. --
1. ed. -- Porto Velho, RO : Ed. dos Autores,
2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-84394-0

1. Aprendizagem Metodologia 2. Decolonialidade
3. Geografia Estudo e ensino I. Felzke, Lediane
Fani II. Título.

25-322370.0

CDD-910.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia Estudo e ensino 910.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



**Deed - Attribution-NonCommercial-
ShareAlike 4.0 International - Creative...**

Help us protect the commons. Make a tax deductible
gift to fund our work. Donate today!

© creativecommons.org



DESCRIÇÃO TÉCNICA

Título: Proposta para uma abordagem do ensino de geografia da Amazônia rondoniense em uma perspectiva decolonial no Instituto Federal (IFRO).

Tipo de Produto: Bibliográfico.

Modalidade: Material técnico-pedagógico direcionado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Formato: Documento textual com anexos ilustrativos.

Público-alvo: Gestores, docentes e estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), interessados na inserção do ensino de Geografia da Amazônia rondoniense em uma perspectiva decolonial.

Finalidade: Subsidiar políticas institucionais, práticas pedagógicas e processos formativos que promovam uma educação decolonial que atenda aos princípios da omnilateralidade e da Educação Profissional e Tecnológica com ênfase no ensino de Geografia da Amazônia rondoniense.

Objetivo Geral: Propor ao IFRO uma abordagem para o ensino de Geografia da Amazônia rondoniense em uma perspectiva decolonial a partir da valorização dos sujeitos, promovendo no contexto da EPT uma formação crítica, decolonial e inclusiva.

Metodologia: Pesquisa participante através de dois métodos, ambos qualitativos; o primeiro com a abordagem de rodas de conversa, e o segundo com o uso da ferramenta KWHL traduzido do inglês, K - know (saber); W - want to know (querer saber); H - how (como); e L - learned (aprenderam), estratégia proposta por Ogle (1992) que propicia curiosidade pelo tema a ser pesquisado. Ao final os dados gerados foram analisados e discutidos como proposta de inserção da Geografia da Amazônia Rondoniense nos currículos da EPT em Rondônia.



Componentes do Produto:

- Apresentação e justificativa
- Objetivos gerais e específicos
- Fundamentação metodológica
- Encontro 1 — Onde as Águas se Encontram: Memórias, Territórios e Saberes de Encruzilhada
- Encontro 2 — Direitos, saberes e territorialidades indígenas na Amazônia
- Encontro 3 — Troncos, Águas e Memórias: A Geografia do Rio Madeira contada por um Ribeirinho
- Encontro 4 — Memórias do IFRO e os caminhos da Engenharia Florestal na Amazônia rondoniense
- Resultados gerados com a ferramenta KWHL
- Encontro 5 (virtual) — Narrativas visuais sobre a Amazônia Rondoniense
- Elaboração do repositório digital - Geografia da Amazônia rondoniense na EPT
- Considerações Finais
- Referências

Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Macroprojeto da Linha: Macroprojeto 6: Organização de espaços pedagógicos na EPT.



“Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta. Com uma bagagem dessas ele nunca vai chegar. Vamos ter que nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui.”

Ailton Krenak
Pensador indígena brasileiro



Foto: Alexandre Muniz - Fogão de Lenha Filmes

SOBRE OS AUTORES

Luciano Ferreira de França



Geógrafo e Bacharel em Engenharia Sanitária e Ambiental pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Especialista em Educação Integral e Integrada - UNIASSELVI. Mestrando em Educação Profissional - ProfEpt pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Atua desde fevereiro de 2025 como docente no Instituto Federal do Acre - IFAC. Criador de conteúdo digital desde Abril de 2020 em plataformas digitais com a temática de Geografia e História de Rondônia.

Contato: luciano.franca.geo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2514073663522327>

Lediane Fani Felzke

Historiadora, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/2007) com dissertação sob o título: "Quando os ouriços começam a cair: A coleta de castanha entre os Gavião de Rondônia". Doutora em Antropologia Social pelo PPGAs/DAN/UnB (2017) com a tese intitulada "Dança e imortalidade. Igreja, festa e xamanismo entre os Ikólóéhj Gavião de Rondônia". Desde fevereiro de 2009 é docente do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná. Pesquisa, desde 2004, entre os Ikólóéhj



Gavião de Rondônia. A partir de 2018 é docente do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Atua principalmente nos seguintes temas: etnologia indígena, sustentabilidade, estudos de gênero, educação profissional e tecnológica (EPT), pensamento decolonial, epistemologias não ocidentais. É líder do Grupo de Estudos em Temáticas Étnicas na Amazônia (GETEA).

Contato: lediane.fani@ifro.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3064363709108828>

Apresentação

Este referencial é o resultado da pesquisa desenvolvida no contexto da Amazônia Rondoniense, tendo como base as vivências e territorialidades dos sujeitos amazônidas, em especial um grupo de estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná. Tem como intenção orientar as ações pedagógicas e institucionais no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sugerindo a inserção de uma abordagem decolonial no ensino de Geografia da Amazônia rondoniense. A proposta busca a valorização do diálogo entre os sujeitos da pesquisa (estudantes) com os saberes tradicionais, as epistemologias não ocidentais e as experiências históricas de resistência dos povos originários, comunidades ribeirinhas e cidadãos periféricos, em consonância com as normativas legais e os princípios da omnilateralidade na EPT.

Justificativa

O Instituto Federal de Rondônia (IFRO), enquanto instituição pública federal de educação, ciência e tecnologia, tem como premissa a formação integral e omnilateral, propondo uma formação para a classe trabalhadora para atuar no mundo do trabalho. Isso implica construir pontes concretas entre a ciência, os arranjos produtivos locais, a sala de aula, os currículos e os modos de vida local. Neste sentido, este trabalho propõe uma alternativa teórico-metodológica a ser incorporada no currículo e práticas pedagógicas, alinhadas à realidade da Amazônia rondoniense. Defende-se, aqui, uma formação omnilateral, crítica e emancipadora, comprometida com a transformação social e a valorização dos saberes locais que coexistem no espaço amazônico.

Objetivo Geral:

Propor um referencial teórico-metodológico para docentes e gestores com práticas pedagógicas decoloniais para o ensino de Geografia da Amazônia rondoniense na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com foco na valorização dos saberes territoriais da Amazônia Rondoniense no IFRO.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a importância da discussão da Geografia da Amazônia rondoniense nos espaços educativos da EPT.
- Enaltecer os saberes e experiências das populações marginalizadas e subjugadas no processo de ocupação do espaço rondoniense;
- Propor mecanismos de inserção do ensino da Geografia da Amazônia rondoniense em uma perspectiva decolonial nos currículos da EPT no contexto do IFRO.

Introdução

Este Produto Educacional foi elaborado para propor e orientar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) na promoção de uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) crítica, decolonial e enraizada nos territórios amazônicos, com foco nas vivências, saberes e resistências de povos indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos e jovens periféricos urbanos. A proposta convida o IFRO a discutir seus currículos e referenciais formativos a partir da escuta ativa das epistemologias tradicionais e dos modos de vida amazônicos. Portanto, busca-se romper com as práticas de ensino tradicionais indo ao enfrentamento das formas sutis e estruturais de racismo, marginalização, subalternização e colonialidade ainda presentes no campo educacional.

O presente produto educacional propõe a coexistência dos saberes territoriais/ locais à formação integral da classe trabalhadora, fortalecendo o compromisso do IFRO com os princípios da omnilateralidade, da equidade e da emancipação da classe trabalhadora. Nesse sentido, busca-se fomentar a inserção da “Geografia da Amazônia Rondoniense” nos currículos da EPT como estratégia formativa e política, articulando o conhecimento acadêmico com as realidades vividas por estudantes que habitam o estado de Rondônia.

O trabalho foi elaborado a partir das normativas educacionais atuais, em fundamentos teóricos da decolonialidade e no uso da roda de conversa como prática de escuta ativa e valorização das memórias coletivas, este referencial reconhece o papel central dos sujeitos amazônicos na construção do conhecimento. Ao integrar suas vozes, experiências e lutas aos processos formativos, busca-se fortalecer a memória daqueles que constroem e fazem parte da educação profissional rondoniense. Com isso, é possível alcançar e proporcionar práticas pedagógicas comprometidas com a omnilateralidade e com a diversidade sociocultural da região.

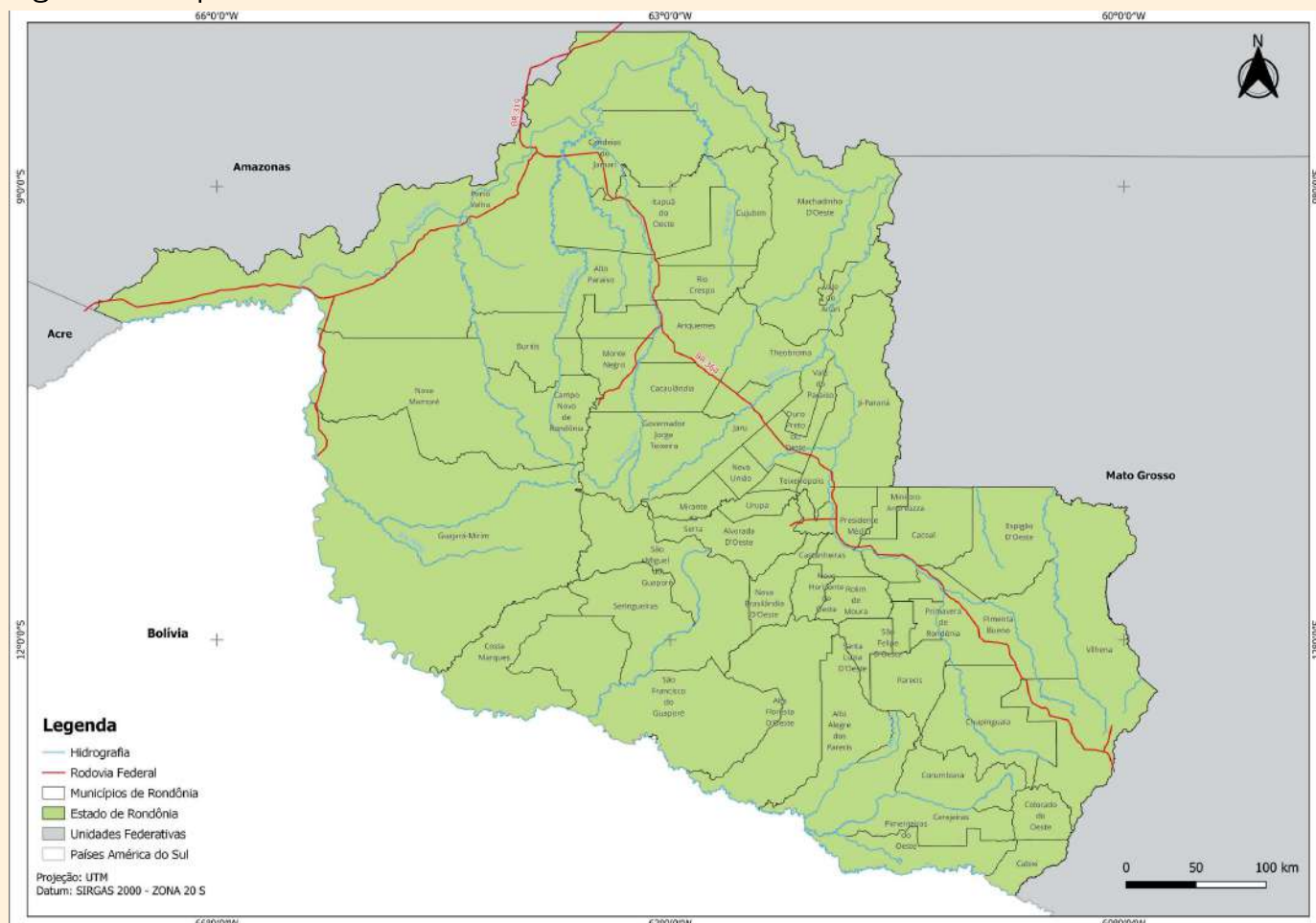
Metodologia

A construção deste produto educacional seguiu uma abordagem qualitativa, inspirada nos princípios da pesquisa participante, de rodas de conversa, na qual educadores e educandos constroem juntos o processo de investigação, partindo da realidade concreta dos sujeitos envolvidos (Brandão, 2006). A escolha metodológica está alinhada à perspectiva da decolonialidade do saber, do ser e do poder defendidas e discutidas por (Quijano, 2005; Mignolo, 2010; Walsh, 2013), valorizando a escuta dos saberes historicamente subalternizados e o reconhecimento das vozes dos povos amazônicos como legítimas e produtoras de conhecimento.

Um Panorama da Geografia da Amazônia Rondoniense na EPT

O Estado de Rondônia é subdividido em 52 municípios, sendo que estes estão articulados em duas regiões Geográficas Intermediárias e seis regiões imediatas. Rondônia tem população estimada, em 2024, de aproximadamente 1.746.227 habitantes, apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2021, de 0,7, considerado um IDH médio e com renda média per capita, em 2024, de R\$ 1.717,00 (IBGE, 2025).

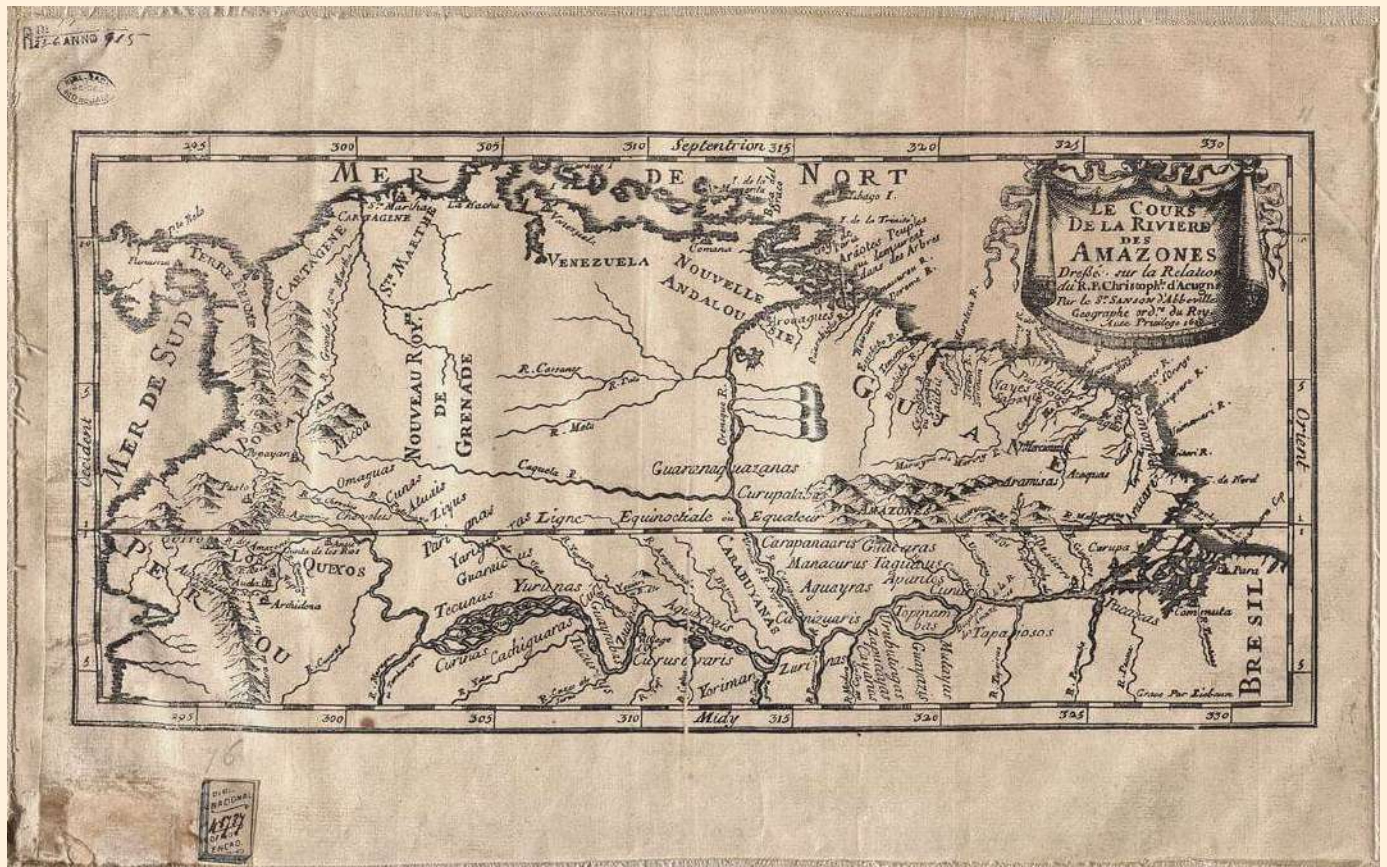
Figura 1 - Mapa Político Administrativo do Estado de Rondônia



Fonte: Autores, 2025

A região em que atualmente compreende-se como o estado de Rondônia, localizado na Amazônia brasileira, possui uma antiquíssima ocupação humana. Sobre isso, pesquisas arqueológicas apontam o Alto Rio Madeira como centro de intercâmbio cultural desde, pelo menos, o Holoceno Médio (aproximadamente 8 mil anos atrás) (Neves; Almeida, 2020). Essa ocupação, no período colonial, estava diretamente relacionada com atividades econômicas como as drogas do sertão e, posteriormente, a borracha no império.

Figura 2 – Mapa histórico da Amazônia



Fonte: FAPESP (2021), a partir de documento da Biblioteca Nacional.

A partir do final do século XIX, essas disputas ganham novos contornos com o avanço do sistema capitalista sobre a região, com a exploração madeireira, mineradora, abertura de estradas, construção da ferrovia Madeira Mamoré e o avanço da agricultura e pecuária sobre a floresta e comunidades. Mais recentemente, “o agronegócio da soja cristaliza os espaços da globalização, opondo o campesinato e as forças hegemônicas do capital” (Silva; Conceição, 2018, p.54).

Figura 3 - Criação de bovinos em Rondônia



Fonte: Getty Images, portal G1 notícias, 2023

Essa cristalização não se consolida apenas no campo econômico, mas também no campo social, cultural, político e na educação.

A lógica de uma formação humana voltada, prioritariamente, para a inserção no mercado do agronegócio e da monocultura é frequentemente reproduzida dentro das próprias instituições educacionais. Essa reprodução é, em grande medida, resultado da pressão exercida por grupos políticos liderados por latifundiários e empresários locais, que pressionam em busca de respostas rápidas e soluções imediatistas diante da realidade.

Nesse contexto, os jovens oriundos da classe trabalhadora, ansiosos por conquistar uma vaga de trabalho, tornam-se alvos de políticas formativas que privilegiam a adaptação ao sistema excludente e precarizado, em vez da formação crítica e transformadora. Com isso, a escola, muitas vezes, assume o papel de mediadora da lógica capitalista, reforçando a formação utilitarista em detrimento de um projeto educativo voltado à omnilateralidade e emancipação de seus cidadãos.

Além dos autores e pensadores decoloniais, a pesquisa partiu da consulta de documentos institucionais do IFRO, bem como legislações e normativas que regulamentam a EPT no Brasil.

A seguir, descreveremos os passos metodológicos utilizados na pesquisa, de modo a possibilitar a reaplicação por outros educadores e gestores da EPT em Rondônia.

Diagnóstico e apresentação da proposta

Foi realizada uma visita inicial ao IFRO, *campus* Ji-Paraná, para apresentar a proposta para a equipe gestora e pedagógica. Em um segundo, o pesquisador convidou estudantes do segundo ano do curso técnico integrado de informática. Nas duas ocasiões foram apresentados os passos e desenvolvimento da pesquisa e a pertinência do tema da Geografia da Amazônia na EPT. Nesse ínterim, foi amplamente discutido sobre a intencionalidade da abordagem em uma perspectiva decolonial, desde os objetivos até a participação dos estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Proposta de trabalho do Ensino de Geografia da Amazônia rondoniense



A pesquisa que resultou nessa proposta foi realizada com 12 estudantes do curso técnico integrado de Informática do IFRO *campus* Ji-Paraná em quatro encontros presenciais através de rodas de conversa e um encontro *online*. O encontro *online* foi uma oficina para a entrega de um material digital sobre a Geografia de Rondônia.



Após a análise dos resultados e das informações geradas na pesquisa, foi organizado um repositório online destinado a gestores e docentes. Essa plataforma tem como objetivo facilitar a escolha e consulta de temas da Geografia rondoniense em uma perspectiva decolonial na EPT. A plataforma foi construída para ser um repositório colaborativo, onde docentes e demais pesquisadores poderão sugerir novos materiais e produções acadêmicas da Geografia da Amazônia rondoniense.

O quadro a seguir traz as propostas de temáticas que foram aplicadas na pesquisa com a ótica da Geografia da Amazônia Rondoniense e que dialogam com o pensamento decolonial. A atividade teve por finalidade fomentar momentos de escuta, debate e troca de saberes, em forma de roda de conversa, com representantes de coletivos e pessoas que vivem em Rondônia.

Quadro 1. Temáticas abordadas nos encontros

Temática abordada	Sujeitos convidados
Rios de Ji-Paraná – Caminhos que fluem	Presidente da Colônia de Pescadores do Município de Ji-Paraná
Territorialidade e direito à terra: povos indígenas de Rondônia e comunidades quilombolas.	Especialista em direito indígena em Rondônia.
Rio Madeira antes e depois das usinas	Morador da comunidade Vila de Teotônio do Rio Madeira
Desenvolvimento sustentável com a floresta em pé	Acadêmico do curso de Engenharia Florestal do IFRO <i>campus</i> Ji-Paraná

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025

Como estratégia pedagógica complementar, foi aplicada a ferramenta KWHL (Ogle, 1986), adaptada a uma abordagem crítica e territorializada do ensino de Geografia da Amazônia rondoniense. A sigla corresponde às perguntas: K (O que eu sei?) W (O que eu quero saber?) H (Como eu vou descobrir?) L (O que eu aprendi?)



Quadro 2. Exemplo do uso da metodologia KWHL na pesquisa

Geografia de Rondônia				
Temática	O que eu sei	O que eu quero saber	Como eu vou descobrir	O que eu aprendi
Rio Machado ou Rio Ji-Paraná Pesca Agricultura Turismo				

Fonte: Moss (2012, p. 45) [adaptado].

Sua aplicação permitiu aos participante refletirem sobre seus conhecimentos prévios, construírem questionamentos próprios, planejarem formas de investigação e, por fim, avaliarem as aprendizagens construídas ao longo do processo, favorecendo o protagonismo discente e o vínculo entre teoria e vivência (Silva & Amaral, 2020).

Todas as rodas de conversa foram gravadas em áudio e vídeo para posterior análise caso fosse necessário para a discussão da pesquisa.

Como culminância, os participantes foram convidados a produzir mini documentários sobre a temática da Amazônia rondoniense, despertando o pertencimento e a valorização dos espaços compartilhados por todos os povos que habitam o território rondoniense.

Encontro 1 — Onde as Águas se Encontram: Memórias, Territórios e Saberes de Encruzilhada

Tema: Geografia dos rios da Amazônia rondoniense, com ênfase no Rio Machado ou Ji-Paraná e Rio Urupá.

Método empregado: Roda de conversa com os participante, partindo de suas vivências com os rios.

Nesse primeiro encontro, o tema escolhido foram os Rios de Rondônia, com ênfase para os rios Machado e Urupá. Esse primeiro momento foi idealizado para discutir sobre o que se sabe sobre os rios de Rondônia e como esses foram importantes para o surgimento dos principais núcleos urbanos do estado.

Durante o diálogo foi perguntado aos participantes se sabiam o significado das nomenclaturas dos rios Ji-Paraná ou Machado e Urupá, uma vez que faz parte do cotidiano de todos que ali vivem. Existem empresas, produtos alimentícios, escolas, repartições públicas e até municípios com esses nomes.

Vários participantes citaram que o nome Rio Machado vem de “pedras encontradas com o formato de machadinhas”.

O nome Rio Machado deriva na verdade do topônimo Ji-Paraná. Esse, por sua vez, é originado da língua geral setentrional onde Jy + paraná se traduz como rio dos machados, Navarro (2013). A tradução não deixa claro de onde surgiu o nome, mas é possível encontrar a nomenclatura Ji-Paraná ou Machado em diversas obras de exploradores e aventureiros que passaram pela região e registraram o nome Ji-Paraná, mesmo com alguma grafia diferente da atual. O quadro abaixo apresenta algumas dessas obras e autores que já traziam o nome Ji-Paraná ou Machado em seus textos.

Figura 4. Encontro das águas do rio Machado (barrento) e Urupá (escuro) em Ji-Paraná/RO



Fonte: Caique Brilhante, 2024

Quadro 3. Fontes que citam os topônimos Ji-Paraná e Machado

Período	Fonte / Referência	Nome empregado
1909-1910	Cândido Mariano da Silva Rondon (Comissão Rondon)	Gi-Paraná/ Ji-Paraná/ Machado
1920-1930	Frei Jesualdo Macchetti	Ji-Paraná/Machado
1930-1950	Depoimentos de seringueiros	Ji-Paraná/Machado
1959	Vitor Hugo (desbravadores)	Gi-Paraná/Machado
Décadas seguintes	Mapas, documentos regionais, notícias e mídias digitais.	Ji-Paraná/Machado

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025

A partir de escuta preliminar na roda de conversa com os participantes da pesquisa, foi possível mapear uma série de percepções e conhecimentos sobre o Rio Machado. Essas falas revelam não apenas informações geográficas, mas também memórias afetivas, experiências práticas e saberes que compõem a vivência e experiência territorial na Amazônia rondoniense.

Figura 5. Momento da roda de conversa sobre a temática das águas rondonienses



Fonte: Autores, 2024

A partir de escuta preliminar na roda de conversa com os participantes da pesquisa, foi possível mapear uma série de percepções e conhecimentos sobre o Rio Machado. Essas falas revelam não apenas informações geográficas, mas também memórias afetivas, experiências práticas e saberes que compõem a vivência e experiência territorial na Amazônia rondoniense.

Encontro 2 — Direitos, saberes e territorialidades indígenas na Amazônia

Tema: Presença indígena em Rondônia, conflitos, resistências e território.

Durante o segundo encontro, a presença da Dra. Jandira Keppi, que atua no direito indígena, promoveu um potente exercício de escuta e diálogo. A partir da roda de conversa e do uso da ferramenta KWHL, os participantes demonstraram avanço promissor em relação à compreensão da causa dos povos indígenas da Amazônia Rondoniense.

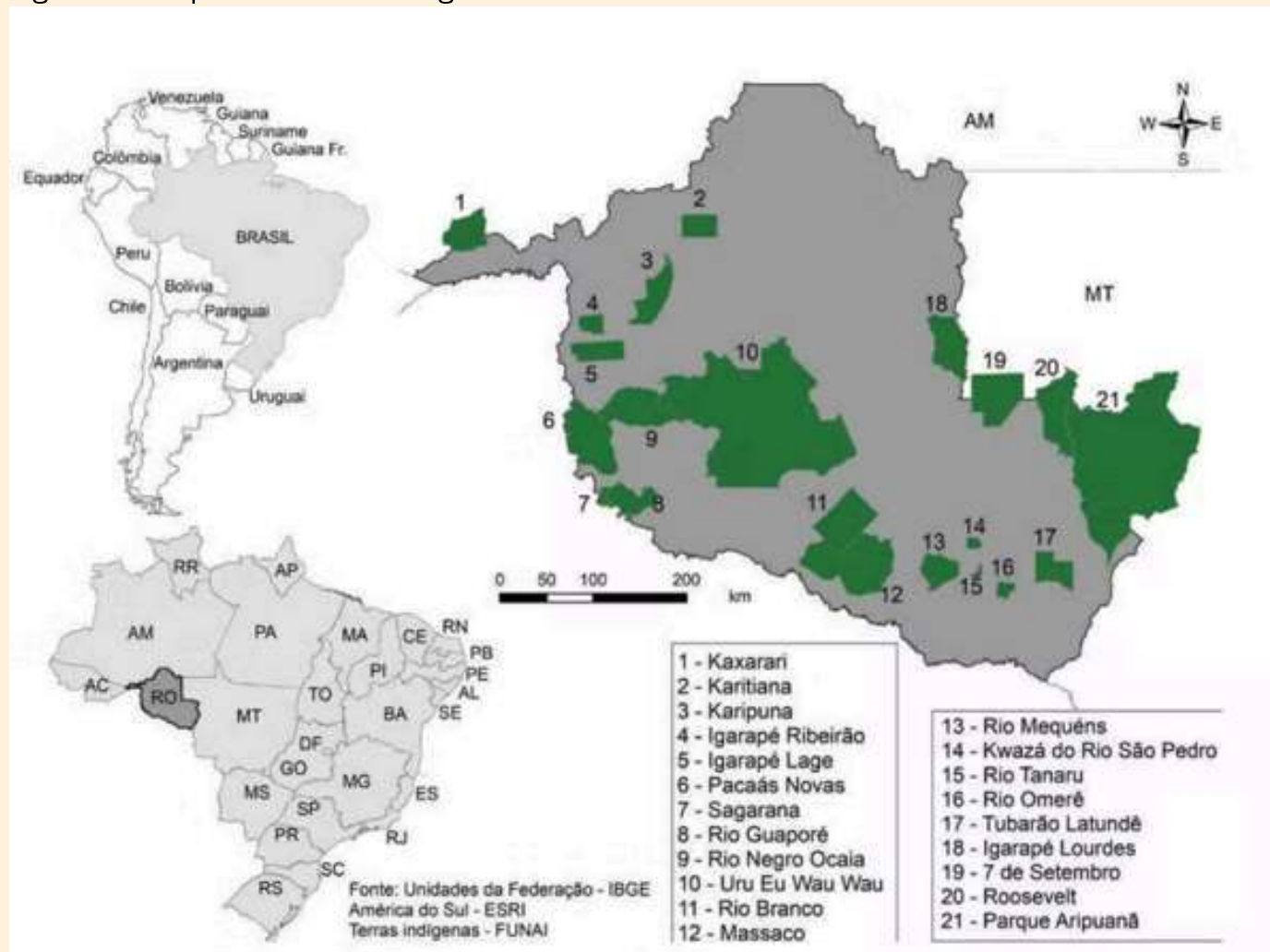
Nos registros da ferramenta KWHL, termos como “demarcação de terras”, “direito territorial”, “invasão por madeireiros e garimpeiros” e “violência contra mulheres indígenas” revelaram um deslocamento para uma perspectiva crítica, decolonial e alinhada com a formação integral dos sujeitos.

As discussões também contemplaram a riqueza linguística da Amazônia rondoniense (com mais de 20 línguas indígenas identificadas no estado), o papel central da oralidade como forma de transmissão de saberes, a importância da floresta para os modos de vida dos povos indígenas, e a menção a etnias presentes em Ji-Paraná, tais como os Karo Arara e Ikólóéhj Gavião.

Essas reflexões contribuem na ampliação da consciência dos participantes sobre os impactos da colonialidade na história da Amazônia rondoniense e tensiona uma reflexão à luz dos currículos da EPT. Uma forma de situar os participantes quanto a territorialidade dos povos originários, foi com a apresentação de mapas e imagens de satélite durante a roda de conversa.

As imagens de satélite apresentavam dados e informações sobre o avanço do desmatamento na Amazônia rondoniense. Com o auxílio do mapa da figura a seguir foi possível identificar esse avanço do desmatamento em diversas áreas indígenas da Amazônia rondoniense.

Figura 6 - Mapa das Terras indígenas do Estado de Rondônia



Fonte: Mapa de Terras Indígenas de Rondônia — Foto: Reprodução/Livro: Nosso território e nossa terra indígena: terra indígena do Rio Branco [e] terra indígena do Guaporé/Macurap, A. et. al. 2018.

Essa experiência decolonial, partindo das vivências dos sujeitos, evidencia que a EPT, para cumprir sua função social que, por sua vez, é o trabalho como princípio educativo, deve portanto, reconhecer as desigualdades históricas, a diversidade epistêmica da realidade dos sujeitos e os conflitos territoriais. Sejam estes na Amazônia rondoniense ou em qualquer espaço do qual a EPT esteja presente. Como afirmam Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a EPT deve ser orientada pela formação omnilateral, ou seja, pela articulação entre cultura, trabalho, ciência e tecnologia, em diálogo

com os sujeitos reais e seus territórios. Isso implica superar a lógica tecnicista e integrar aos processos formativos dimensões ético-políticas, culturais e históricas, especialmente no contexto rondoniense.

Figura 7 - Momento da roda de conversa sobre a temática indígena



Fonte: Autores, 2024

Nessa direção, o encontro com a Dra. Jandira operou como um ato de ruptura simbólica com o epistemicídio curricular, abrindo espaço para um ensino de Geografia que respeite os saberes ancestrais, denuncie as violências estruturais e afirme o direito à existência dos povos originários como protagonistas da Amazônia de ontem, de hoje e de amanhã.

Encontro 3 — Troncos, Águas e Memórias: A Geografia do Rio Madeira contada por um Ribeirinho

Tema: Dinâmica fluvial e impactos socioambientais da construção de barragens de Jirau e Santo Antônio no Rio Madeira.

Participação: Marcelo Gonçalves, **artesão e ribeirinho**, profundo conhecedor do Rio Madeira e afetado diretamente pela construção das UHEs de Santo Antônio e Jirau.

O terceiro encontro da pesquisa foi marcado pela escuta de um ribeirinho artesão, profundo conhecedor da dinâmica fluvial do Rio Madeira, que compartilhou suas vivências com os participantes da pesquisa. Marcelo é um habitante da Comunidade Vila Teotônio em Porto Velho/RO às margens do rio e afetado diretamente pela construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio.



O convidado testemunhou a transformação radical do curso do rio, inclusive o desaparecimento da cachoeira de Teotônio — um marco natural e cultural de Rondônia. Marcelo vive atualmente da produção de artefatos em madeira que ele mesmo retira com muito esforço do Rio Madeira. Essa produção é vendida para os turistas que chegam até a vila ou em feiras de artesanatos tanto em Rondônia, quanto em outras partes do Brasil. A partir desse trabalho, Marcelo obtém o sustento de sua família.

Figura 8 - Arte produzida pelo convidado a partir dos troncos que descem o rio Madeira.



Fonte: Autores, 2025

Nesse encontro, o convidado conseguiu transmitir aos participantes como o conhecimento tradicional ribeirinho contribui para uma leitura sensível e enriquecedora da geografia da Amazônia rondoniense, articulando memória, trabalho e resistência. A roda de conversa, só foi possível pela mediação da ferramenta digital meet que possibilitou aos participantes ouvir a história de vida de Marcelo e sobre a ligação que o mesmo possui com o Rio Madeira.

Figura 9 - Roda de conversa com o Artesão Marcelo Gonçalves



Fonte: Autores, 2024

Os participantes puderam ouvir de um ribeirinho sobre como é conviver com o rio, estabelecendo uma relação de respeito e sabedoria. Além disso, Marcelo transmitiu com muita profundidade os silenciamentos impostos pelo discurso do “progresso” e os modos como ele e sua comunidade resistem e reconstróem sua relação com o território por meio da arte e do trabalho.

As reflexões dos estudantes durante a roda de conversa evidenciaram um amadurecimento no olhar sobre o território da Amazônia rondoniense e os impactos socioambientais na região. O testemunho de Marcelo, sua relação com o Rio Madeira e o desaparecimento da cachoeira de Teotônio ativaram uma memória coletiva que havia sido, em grande parte, silenciada pela narrativa desenvolvimentista. Nesse sentido, os participantes puderam compreender o território não apenas como um recorte geográfico, mas como um espaço plural, atravessado por dimensões políticas, econômicas, culturais e afetivas — um lugar onde a vida acontece e onde os impactos socioambientais se manifestam de forma concreta, exigindo práticas educativas que atendam à realidade (Gomes et al., 2022).

Encontro 4 — Memórias do IFRO e os caminhos da Engenharia Florestal na Amazônia rondoniense

Tema: Geografia da Amazônia Rondoniense sob a ótica da juventude para a sustentabilidade

Participação: Carlos Henrique, estudante do curso de Engenharia Florestal do IFRO *campus* Ji-Paraná.

No quarto encontro da pesquisa, o convidado foi um estudante do curso de Engenharia Florestal do IFRO, egresso do ensino médio integrado da própria instituição. Em sua fala, Carlos compartilhou um pouco de sua trajetória acadêmica e de vida, frisando como a formação técnica contribuiu para despertar sua consciência ambiental, política, social e para o trabalho. Ao relatar sua vivência com o território, Carlos compartilhou saberes da biodiversidade amazônica, desde o uso sustentável dos produtos florestais, ao fortalecimento da agricultura familiar em Rondônia e à importância das tecnologias no manejo florestal.

As anotações dos participantes revelaram o impacto positivo dessa escuta como a proteção da castanheira - árvore símbolo de imponência na Amazônia rondoniense - e da seringueira, árvore de grande valor histórico para os rondonienses.



Foi possível compreender sobre o uso de drones e satélites na avaliação e proteção ambiental, o manejo das florestas nativas e plantadas, e a relevância econômica da produção de café e alimentos por famílias agricultoras em Rondônia. Essas reflexões apontam para uma concepção profunda de desenvolvimento, em que o trabalho na Amazônia rondoniense não está dissociado da vida, da justiça socioambiental e da sustentabilidade.

Essa experiência demonstra que a Educação Profissional e Tecnológica pode ser um espaço capaz de articular ciência, tecnologia, território e emancipação dos sujeitos. Quando os participantes reconhecem em seus colegas trajetórias reais de superação, vínculo com o meio e compromisso com o bem comum, criam-se caminhos de superação, vínculo com o meio e compromisso com o bem comum, criam-se caminhos para a mudança de sua realidade e valorização da memória coletiva.

Figura 10 - Roda de conversa com o acadêmico em Engenharia Florestal, Carlos Henrique.



Fonte: Autores, 2025



Resultados gerados com a ferramenta KWHL

Durante a pesquisa, diversas informações e dados foram gerados a partir da ferramenta KWHL. Para melhor visualização e organização desses dados, apresentaremos nessa seção os principais resultados obtidos e as oportunidades de desenvolvimento da temática em uma perspectiva decolonial que dialogue com a omnilateralidade e a EPT.

Para a análise das informações produzidas durante os encontros com os participantes, adotou-se uma abordagem qualitativa com base em categorização por aproximação e repetição. As falas, anotações e respostas registradas nas ferramentas utilizadas (especialmente no quadro KWHL) foram organizadas em conjuntos temáticos de acordo com a recorrência de palavras, ideias semelhantes e sentidos comuns expressos pelos participantes ao longo das rodas de conversa. Inspirada na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011), a categorização foi realizada por meio de um processo de leitura flutuante e organização progressiva das unidades de sentido, permitindo que as categorias emergissem dos próprios dados. Dessa forma, foram identificados quatro eixos principais: questão indígena em Rondônia, rios Machado e Urupá, geografia do Rio Madeira e desenvolvimento sustentável.

Essa sistematização emergiu não de categorias previamente definidas pelo pesquisador, mas da escuta atenta dos sujeitos, valorizando a forma como os participantes nomearam, interpretaram e reconstruíram os conteúdos debatidos a partir de suas próprias referências. A categorização, portanto, não teve por finalidade reduzir as experiências dos sujeitos a conceitos fixos, mas visibilizar os saberes produzidos nos encontros, ampliando as possibilidades de pesquisa sobre a Amazônia Rondoniense a partir da perspectiva dos participantes que nesse caso são estudantes da EPT.

Após a etapa de classificação dos dados gerados na pesquisa, foram produzidas nuvens de palavras com o auxílio da inteligência artificial do Chat GPT 4.0. Utilizou-se também as ferramentas de planilhas do Microsoft Excel na construção de tabelas e gráficos.

As figuras a seguir mostram exemplos de como a ferramenta KWHL foi preenchida pelos participantes em cada um dos encontros da pesquisa.



Figura 11 - Folha da ferramenta KWHL preenchida por um dos participantes no primeiro encontro

Pesquisa Mestrado ProfePT – Professor Luciano Ferreira de França
 Nessa atividade você escreverá o que se pede dentro dos quadros. Importante, não é recomendado sua identificação nesse documento.
 INSTITUTO FEDERAL Rondônia Data: 27/11/2024

PROFEPT

Geografia de Rondônia				
Temática	O que eu sei	O que eu quero saber	Como eu vou descobrir	O que eu aprendi
Rio Machado ou Rio Ji-Paraná.	Foi inundado por causa das chuvas em formato de mar-chado nos rios.	É perigoso o rio secar?	Pesquisar e analisar	Esse campo será preenchido após a conversa* Por isso é importante pesquisar em Villena. Um dos blocos é o comércio e o outro é o Rio de Vilena.
Pesca	Coleta de peixes em rios.	Qual é a punição por pesca irresponsável/ilegal?	Pesquisar	Os peixes vendidos na feira vêm do Rio Uruá.
Agricultura	Plantas e cultivo de plantas.	Existe agricultura ilegal?	Pesquisar	Os ribeirinhos usam a terra para plantar quando as águas baixam.
Turismo	Viagem das pessoas para conhecer uma cidade, estado ou país.	-	-	Rio Machado é o principal ponto turístico.

Fonte: Autores, 2024

Figura 12 - Folha da ferramenta KWHL preenchida por um dos participantes no segundo encontro

Pesquisa Mestrado ProfePT – Professor Luciano Ferreira de França
 Nessa atividade você escreverá o que se pede dentro dos quadros. Importante, não é recomendado sua identificação nesse documento.
 INSTITUTO FEDERAL Rondônia Data: 11/12/2024

PROFEPT

Geografia de Rondônia				
Temática	O que eu sei	O que eu quero saber	Como eu vou descobrir	O que eu aprendi
Territorialidades indígenas em Rondônia	Eu não tinha um conhecimento aprofundado sobre o território indígena, mas consegui absorver, um conhecimento amplexo sobre esta questão.	Quero adquirir conhecimento sobre os territórios indígenas, e como são vistos pela sociedade e como o governo tem se empenhado para ajudá-los.	Por uma visita específica.	Esse campo será preenchido após a conversa* Muitos, como eu, não possuem conhecimento sobre os territórios indígenas e muito menos sua importância para a sociedade. Adquiri conhecimentos sobre sua importância, aprendi mais sobre suas histórias. Consegui saber mais sobre os povos indígenas de Rondônia e como são mal vistos pela sociedade, mas não sabemos o quão importante são para o mundo e suas culturas e línguas são dos povos indígenas.
Geografia das Terras indígenas				
Direito a Terra				

Para mais detalhes leia a trás da folha

Fonte: Autores, 2024

Figura 13 - Verso da Folha preenchida por um dos participantes no segundo encontro

TERRITORIALIDADE

• Desde muito tempo (desde a imigração) eles tem dificuldades de ter visibilidade, e muito mais para ter um espaço nos terras Brasileiras.

↳ São pós indígenas demarcadas, e outros em processo. Aqui em RO tem umas 20 em petas, pois são processos longos e demorados.

↳ Por falta de vontade política

- A porcentagem de territórios que os indígenas tem em Rondônia são entre 1%. Com diversidades de culturas, línguas, dentre outras.

• Devíamos lutar pela demarcação dos terras indígenas. Poderíamos ser pior se não tivesse por causa da seca, sendo benéfico não só para os indígenas, mas para o planeta.

- Indígenas sofrem forte pressão em suas terras.

• Em Ji-paraná possui 2 povos indígenas, os aravá e gavião.

- Eles não possuem o costume de utilizar aliança por não ser um costume deles. Até porque as alianças surgiram de gregos e romanos, com possibilidade de vir de origem hindu.



• O cuidado pelas ideias também é relevantes para os indígenas, pois sua ancestralidade e valores antigos são fundamentais para o conhecimento. Sua oralidade é muito respeitada, o que não significa para eles são as palavras.

OBS:

- Funai é a organização responsável pela demarcação, que não um processo simples.

É possível observar que nesse caso o participante utilizou até o verso da folha para registrar suas análises e pensamentos sobre o que considerou ter aprendido durante o encontro. Outros participantes também utilizaram esse mesmo mecanismo, o que evidencia este método como uma ferramenta positiva para a abordagem decolonial.

Figura 14 - Folha da ferramenta KWHL preenchida por um dos participantes no terceiro encontro



Pesquisa Mestrado ProfePT – Professor Luciano Ferreira de França
 Nessa atividade você escreverá o que se pede dentro dos quadros. Importante, não é recomendado sua identificação nesse documento.
INSTITUTO FEDERAL Rondônia Data: 18/12/2024 


Geografia de Rondônia				
Temática	O que eu sei	O que eu quero saber	Como eu vou descobrir	o que eu aprendi
Rio Madeira Usinas do Madeira Cachoeiras do Rio Madeira Comunidades que dependem do rio. Desterritorialização com grandes projetos hidrelétricos.	Sei que o rio Madeira é formado pela confluência do Rio Mamoré, e Beni. E que ele passa pelos estados de Rondônia e Amazonas, e que ele é muito utilizado para o transporte de matérias, minérios, etc...	"Porque se chama Rio Madeira?" "Qual é aproximadamente a extensão do Rio Madeira?" "Qual foi o impacto da chegada das usinas no Rio Madeira?" "O que aconteceu com as famílias que foram deslocadas?"		Esse campo será preenchido após a conversa* Aprendi que porto-velho não é realmente o primeiro. E que com a chegada das usinas do madeira, teve grandes transformações econômicas, e sociais, e ambientais para a região de Rondônia, e também que muitas famílias teve que ser deslocadas, por causa dos inundações. E que o rio Madeira tem uma paleiosa bem grande. E que a produção Agrícola de Rondônia depende do Rio Madeira.

Fonte: Autores, 2024



Figura 15 - Folha da ferramenta KWHL preenchida por um dos participantes no quarto encontro


 Pesquisa Mestrado ProfePT – Professor Luciano Ferreira de França
 Nessa atividade você escreverá o que se pede dentro dos quadros. Importante, não é recomendado sua identificação nesse documento.
 Data: 05/02/2025



Geografia de Rondônia				
Temática	O que eu sei	O que eu quero saber	Como eu vou descobrir	O que eu aprendi
desenvolvimento sustentável Conservação da biodiversidade rondoniense Agricultura familiar Geração de emprego e renda	Sobre a floresta mata-va: já vi da mata-va já a floresta plantada que são os mesmos plantamos.			Esse campo será preenchido após a conversa* O que aprendi sobre o planejamento de gestão que trabalham com o gerenciamento de floresta. Me agrada essa área e tem contato com a comunidade: Castanheira e Uraguá é Protegida por lei.

Fonte: Autores, 2025

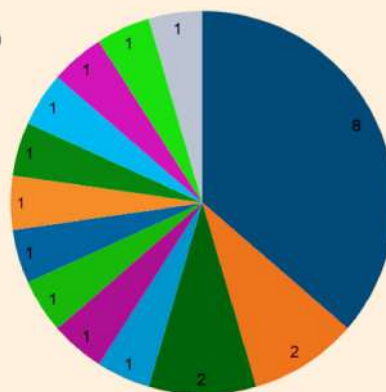
No quarto e último encontro com convidados, percebeu-se que os participantes não preencheram em grande medida as colunas “o que eu quero saber” e “como vou aprender”. Tal fato é possível identificar também em outros encontros.

Após a categorização dos dados gerados na pesquisa, foi possível produzir e organizá-los em gráficos e tabelas. As figuras a seguir apresentam os principais conhecimentos prévios dos participantes a respeito das temáticas de cada encontro.

Figura 16 - O que os participantes afirmaram que sabiam no início do primeiro encontro.

O QUE EU SEI SOBRE OS RIOS MACHADO E URUPÁ

- Rochas em forma de Machado/Machadinho
- Pesca no Rio Machado
- Rio é importante para agricultura
- Em branco/não respondeu
- Nome do rio é um município (Urupá)
- Rio mais importante de Ji-Paraná
- Diversidade de peixes
- Pescadores vendem peixe na feira
- Viagens para conhecer local
- Tem pessoas que visitam o Rio Machado
- Rio é Perigoso para quem não conhece
- Cachoeiras do Rio Machado



Nota: A legenda está em ordem decrescente

Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 17 - O que os participantes afirmaram que sabiam no início do segundo encontro.

O QUE EU SEI SOBRE OS POVOS INDÍGENAS DE RONDÔNIA



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 18 - O que os participantes afirmaram que sabiam no início do terceiro encontro.

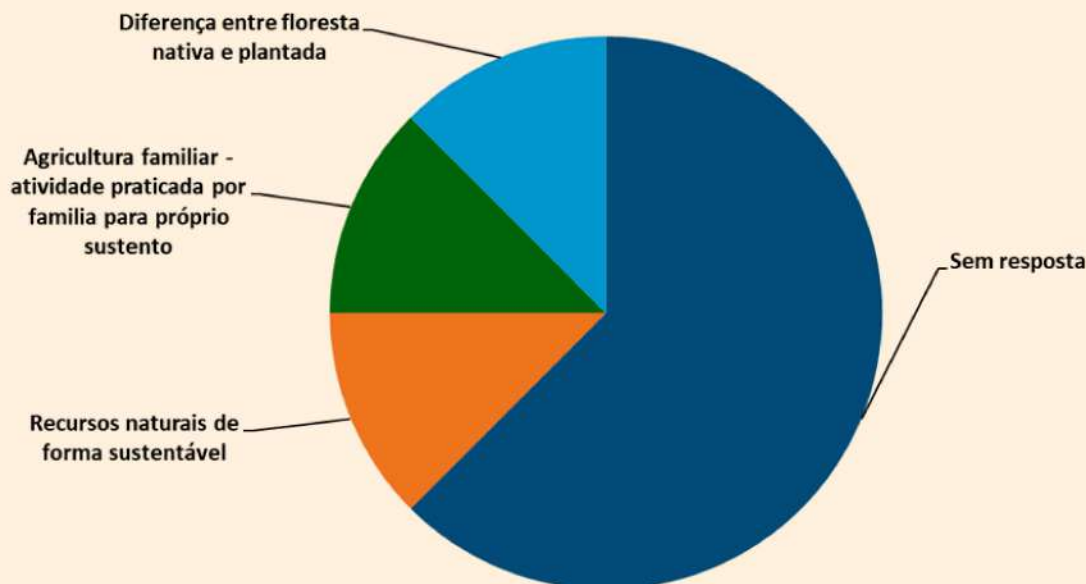
O QUE EU SEI SOBRE O RIO MADEIRA



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 19 - O que os participantes afirmaram que sabiam no início do quarto encontro.

O QUE EU SEI SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2025

Foi possível perceber maior dificuldade dos participantes com a temática do último encontro no item “o que eu sei” o que evidência uma provável carência do tema para os estudantes do curso técnico integrado em informática do Campus Ji-Paraná. Como mencionado anteriormente, os itens “o que eu quero saber” e “como vou descobrir” foram deixados sem preenchimento nesse último encontro. Esses resultados podem estar relacionados a falta de contato dos participantes com a temática ou alguma informação que não ficou clara no começo do encontro para o preenchimento das folhas. Ressaltamos que não foi percebido pelo pesquisador durante a roda de conversa, quaisquer dificuldades ou desconfortos dos participantes nessa temática, pelo contrário, durante o encontro, os participantes pareciam muito à vontade com o convidado e com o desenvolvimento das discussões.

As figuras a seguir organizam as principais curiosidades e potencialidades de discussões da temática pelos participantes.

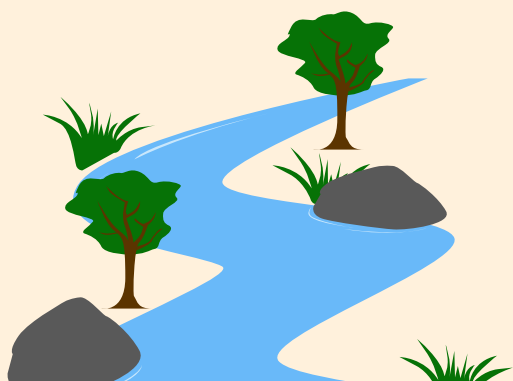


Figura 20 - O que os participantes afirmaram querer saber no primeiro encontro.



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 21 - O que os participantes afirmaram querer saber no segundo encontro.



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

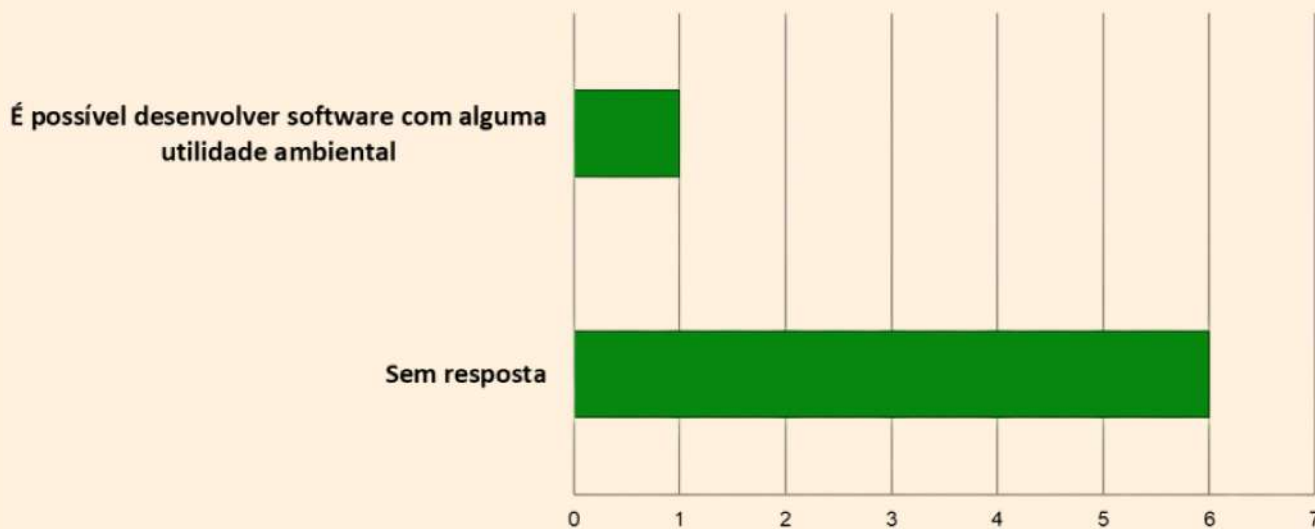
Figura 22 - O que os participantes afirmaram querer saber no terceiro encontro.



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 23 - O que os participantes afirmaram querer saber no quarto encontro.

O QUE EU QUERO SABER SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2025

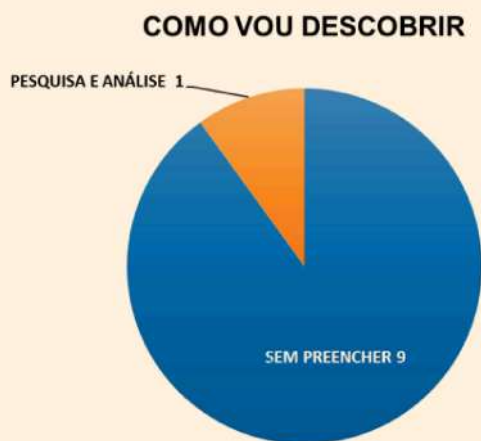
O item que os participantes mais demonstraram dificuldades em preencher foi o como vou descobrir sobre a temática, em Geral, muitos participantes deixam essa parte sem preencher em todos os encontros.

Figura 24 - Perspectiva de como vão aprender sobre a temática no primeiro encontro



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 25 - Perspectiva de como vão aprender sobre a temática no segundo encontro



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

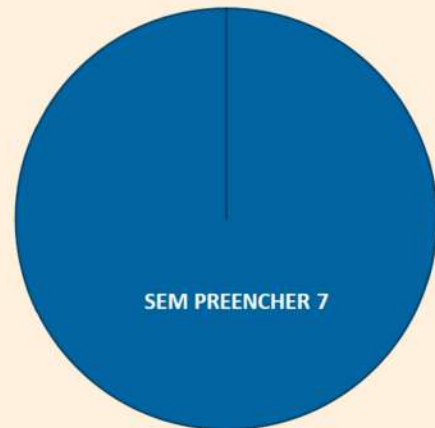
Figura 26 - Perspectiva de como vão aprender sobre a temática no terceiro encontro



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Figura 27 - Perspectiva de como vão aprender sobre a temática no quarto encontro

COMO VOU DESCOBRIR



Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2025

As informações contidas nos gráficos, sinalizam que os participantes sentiram dificuldades para compreender essa etapa do preenchimento. Pode ser indicativo também que muitos não sabiam onde conseguiriam essas informações, visto que alguns dos temas abordados podem talvez não fazer parte do debate e diálogo cotidiano da maioria dos participantes.

A última etapa de análise dos dados sistematizados a partir das respostas dos participantes revelam o impacto positivo da escuta ativa, do diálogo com sujeitos do território e da valorização dos saberes locais no processo formativo da EPT.

Se na etapa do “como vou descobrir”, houve certa dificuldade dos participantes, na etapa do “o que eu aprendi” essa lógica se inverte significativamente. As quatro grandes áreas temáticas trabalhadas, foram capazes de deslocar pensamentos e reflexões anteriormente consolidadas, especialmente quando confrontadas com a escuta de protagonistas amazônicos (ribeirinhos, ativistas indígenas e jovens). A seguir, apresentamos as tabelas com os principais pensamentos que os participantes registraram como aprendizado dos encontros.

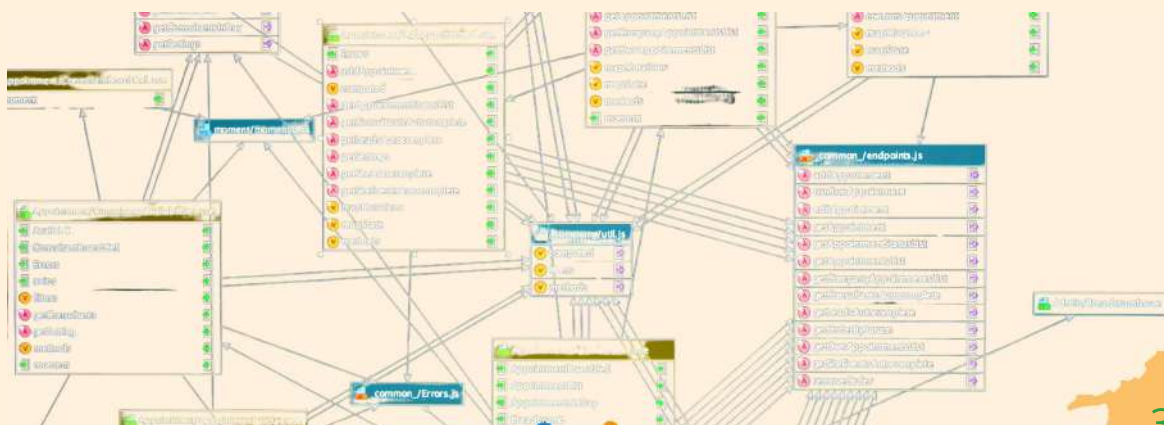


Tabela 1 - O que os participantes afirmaram que aprenderam no primeiro encontro.

O QUE EU APRENDI SOBRE OS RIOS MACHADO E URUPÁ	NÚMERO DE RESPOSTAS
Rio Machado nasce em Vilhena e possui duas nascentes principais	8
Origem do nome Rio Ji-Paraná	7
Rio Madeira nasce nos países da Bolívia e Peru	6
Rio Madeira - Kaiary: Rio do Amor	5
Dificuldade Navegação no Rio Machado (cachoeiras)	5
Plantio de várzea	4
Pescados do Rio Machado são vendidos na Feira Livre da cidade	3
Origem do nome Rio Urupá	3
Cacacoal e Pimenta Bueno dependem do Rio Machado	3
Piracema e Período do defeso	3
Ribeirinhos plantam quando as águas dos rios baixam	2
Turismo no Rio - Belezas naturais	2
Rio Urupá - abastece a cidade de Ji-Paraná	2
Contaminação dos solos e Rios	2
Importância do relevo para os rios	2
Rio Urupá águas mais limpas que o Rio Machado	2
desconhecimento ou medo do rio	1
Não preencheu	1
Pescadores saem de Ji-Paraná para pescar	1
Não temos mais laços com a natureza	1

Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

A leitura realizada sobre os rios Machado e Urupá indica que houve avanços na consciência territorial e ecológica dos participantes. A compreensão da origem, da economia, proteção ambiental dos rios, da contaminação das águas, do relevo, da navegação, do período de defeso, e da perda dos laços culturais com a natureza, revela uma geografia viva, que emerge das experiências cotidianas e que pode ser mobilizada para repensar o ensino de geografia como prática de resistência alinhada ao pensamento decolonial e a omnilateralidade.

Tabela 2 - O que os participantes afirmaram que aprenderam no segundo encontro

O QUE EU APRENDI SOBRE A QUESTÃO INDÍGENA EM RONDÔNIA	NÚMERO DE RESPOSTAS
Existem dois povos indígenas em Ji-Paraná (Arara e Gavião)	9
Aproximadamente 300 povos indígenas no Brasil	8
24 terras indígenas demarcadas em Rondônia	6
Direito territorial - Demarcação de terras Indígenas pós Constituição 1988	5
Indígenas não usam aliança	4
Cuidado e valorização dos Indígenas Idosos	4
Grande proporção territorial da Terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau	3
A importância da floresta para os povos indígenas	3
Importância da Oralidade - a palavra é respeitada	3
Indígenas são importantes para o agronegócio	3
Funai - órgão responsável pela demarcação de terras indígenas	2
Mulheres indígenas e a questão da violência doméstica	2
Processo de demarcação é longo	2
Invasão Terras Indígenas por garimpeiros e madeiros	1
7 terras indígenas sem demarcação em Rondônia	1
Importância dos indígenas para Rondônia	1
Mais de 20 línguas indígenas em Rondônia	1
Alta taxa de mortalidade infantil	1

Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Na temática indígena, as anotações indicam um salto qualitativo importante, pois os participantes deslocaram de uma percepção limitada à presença indígena em Ji-Paraná para o reconhecimento da existência de mais de 305 povos indígenas no Brasil, da diversidade linguística, do direito territorial pós-Constituição de 1988, e da violência estrutural enfrentada pelos povos originários. A reflexão à oralidade e à preservação da floresta demonstra abertura à valorização de outras formas de conhecimento. Isso se alinha diretamente à proposta de epistemologias do Sul (Santos, 2006; Walsh, 2013), que propõe descolonizar o currículo e reconhecer os povos originários como produtores legítimos de saberes e ciência.

Tabela 3 - O que os participantes afirmaram que aprenderam no terceiro encontro

O QUE EU APRENDI DA GEOGRAFIA DO RIO MADEIRA	NÚMERO DE RESPOSTAS
Impacto ambiental e socioeconômico com a construção das hidrelétricas	9
Plantio de soja é prejudicial para o rio e também para os moradores de Teotônio	7
A antiga Cachoeira de Teotônio e seu desaparecimento	8
Rio Madeira foi importante para a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré	6
Rio Madeira é um dos maiores rios do Brasil, entre 15 maiores do mundo	6
Teotônio - Marcas de civilização antiga, possível aldeia indígena	4
Vila de Teotônio e a criação de Porto Velho	3
Conceito de rio jovem	3
Madeira que desce o rio é boa para artesanatos	3
Assoreamento do rios devido ao desmatamento das matas ciliares	2
A pesca é afetada pelas hidrelétricas	2
Rio Madeira flui pela Bolívia até Amazonas	2
Falta de contenção do assoreamento afeta negativamente no Rio	1
Quem planta não tem interesse em criar barreiras de contenção no solo	1
Jirau e Santo Antonio - não geram energia para as cidades próximas	1
Agricultura depende muito do Rio Madeira	1
Omissão do Governo na proteção do Rio Madeira	1
Rio Madeira carrega muito sedimentos	1

Respostas dos participantes da pesquisa. Autores, 2024

Os registros sobre o Rio Madeira indicam que os participantes foram capazes de reconhecer os conflitos gerados pelos grandes empreendimentos, como as usinas hidrelétricas, e os impactos socioambientais sobre os ribeirinhos, a biodiversidade e as práticas tradicionais. A memória da cachoeira de Teotônio, o destaque à produção artesanal, à ferrovia Madeira-Mamoré, e à omissão governamental, confluem para uma consciência sensível sobre os ciclos de desenvolvimento impostos à Amazônia rondoniense. Isso fortalece a busca por uma formação omnilateral, proposta por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), na qual o currículo deve ser capaz de articular trabalho, ciência, cultura, memória e território emancipando os sujeitos, garantindo a estes a participação, escuta e poder de articulação de seus indivíduos para a solução de suas necessidades.

SCAN ME!



Mini Documentário | Geografia de Rondônia: Importância dos Territórios Indígenas

SCAN ME!



Mini Documentário - A cultura e as festividades do Estado de Rondônia

Ambas as produções revelam o potencial da inserção da Geografia da Amazônia rondoniense na EPT como fundamental articulação, a partir de uma perspectiva do educando como peça central dos processos que articulam trabalho, cultura e ciência. As vozes juvenis presentes nos vídeos demonstram que, ao reconhecer a Amazônia como lugar de saber e existência, os currículos podem se tornar mais justos, plurais e conectados com os sujeitos do processo educativo.

Elaboração do repositório digital - Geografia da Amazônia rondoniense na EPT

Como desdobramento final deste produto educacional, foi construída a plataforma digital, com o objetivo de organizar, compartilhar e ampliar os materiais produzidos por diversos professores, pesquisadores, jornais e mídias de modo. O site funciona como um repositório aberto e colaborativo, reunindo conteúdos audiovisuais, textuais e didáticos relacionados à Geografia de Rondônia em uma perspectiva decolonial.

A plataforma foi pensada como um espaço de memória e continuidade da pesquisa, permitindo que outros professores, pesquisadores, estudantes e sujeitos amazônidas possam acessar, utilizar e contribuir com a iniciativa. Nela estão disponíveis materiais complementares, indicações bibliográficas e propostas metodológicas que dialogam com os princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), da formação omnilateral e da valorização dos saberes territoriais.

Com esse movimento, busca-se não apenas registrar uma prática exitosa, mas construir uma rede de trocas que fortaleça o ensino da Geografia da Amazônia rondoniense em uma perspectiva decolonial e comprometida com a formação omnilateral. A plataforma está em constante atualização e aberta à participação de outros sujeitos interessados em contribuir com a democratização dos conhecimentos sobre a Amazônia Rondoniense.

Figura 32 - Capa do site Geografia da Amazônia Rondoniense na EPT.



Autores, 2025

Figura 33 - Conteúdo do repositório Geografia da Amazônia Rondoniense na EPT.



Autores, 2025

Figura 34 - Conteúdo do repositório Geografia da Amazônia Rondoniense na EPT.



Autores, 2025


O acesso ao repositório está no link abaixo.

[Repositório da Geografia da Amazônia rondoniense na EPT.](#)

Considerações Finais

Este produto educacional foi concebido como uma ferramenta, que emerge da escuta sensível dos sujeitos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) na Amazônia Rondoniense. Vinculado à linha de pesquisa Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica, o trabalho propõe a construção de um currículo geográfico que parte do território vivido pelos estudantes, valorizando suas vozes, saberes, experiências e ancestralidades.

Ao longo da experiência com as rodas de conversa, a ferramenta KWHL, os encontros com convidados e a produção dos mini documentários notabilizou-se o potencial dos espaços institucionais como territórios de memória e resistência. A Geografia, nesse contexto, deixou de ser apenas um conteúdo curricular para se tornar um instrumento de leitura crítica do mundo, permitindo que os estudantes compreendessem as relações entre natureza, cultura, desigualdade, saber tradicional e os impactos do desenvolvimento na Amazônia rondoniense.



Este produto não se propõe como uma prática isolada, mas como um instrumento replicável e adaptável por docentes da EPT e de outras redes de ensino que queiram inserir a perspectiva decolonial em seus currículos. Ele oferece um referencial teórico, metodológico e didático que pode ser ajustado a diferentes realidades territoriais, sempre com o compromisso de escutar os sujeitos, dialogar com os conhecimentos locais e promover a formação omnilateral, essencial para a articulação com o trabalho, a cultura, a ciência e a vida.

Ao propor a inserção da Geografia da Amazônia Rondoniense como eixo formativo, este trabalho também contribui para o fortalecimento de políticas educacionais comprometidas com a equidade, a justiça ambiental e o direito à memória. Que outras instituições possam, a partir dessa experiência, transformar seus espaços pedagógicos em espaços de mundo, onde aprender é também resistir, pertencer, sonhar e agir coletivamente.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GOMES, Suzantônia A. Z. et al. **Território e políticas públicas: um percurso de Educação Permanente**. Interações (Campo Grande), São Paulo, v.28, n.2, p.1-20, jul./set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/TTzwV8kXhSmTjj7XxRB5mHj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 ago. 2025.

MACURAP, A. (Org.); MACURAP, A. (Org.); JABOTI, A. (Org.); JABOTI, A. (Org.); CANOE, F. (Org.); MACURAP, M. (Org.); GOMIDE, M. L. C. (Org.). **Nosso território, nossa terra indígena. T.i. Rio Branco e T.I. rio Guaporé**. 1. ed. Juiz de Fora: Agência 909, 2018. v. 100. 40p .

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF, n. 39, 2010. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf Acesso em: 10 ago. 2025.

OGLE, Donna. **K-W-L: A Teaching Model That Develops Active Reading of Expository Text**. The Reading Teacher, 39(6), 564-570, 1986.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 10 ago. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Edineide; AMARAL, Diego. **Metodologias ativas no ensino de Geografia: a aplicação do KWL em escolas da Amazônia Legal**. Revista Geosaberes, 2020.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e (de)colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial**. Revista da Faculdade de Direito de Pelotas, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 85-124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 13 ago. 2025.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **A Amazônia na rota das especiarias**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 308, abr. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-amazonia-na-rota-das-especiarias/>. Acesso em: 03 ago. 2025.